UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – CLIND

RODRIGO DOS SANTOS MARQUES ALVES

A CULTURA KARAPOTÓ: ENTRE A EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

São Sebastião- AL
2025

Rodrigo Dos Santos Marques Alves

A CULTURA KARAPOTÓ: ENTRE A EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Artigo Científico apresentado ao Curso de Geografia do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), como requisito à obtenção da nota final do trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Angela Maria Araújo Leite

São Sebastião/AL
2025

A CULTURA KARAPOTÓ: ENTRE A EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

RODRIGO DOS SANTOS MARQUES ALVES

Aprovado em: 22 de março de 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
ANGELA MARIA ARAUJO LEITE
Data: 20/05/2025 15:40:59-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dra. Angela Maria de Araújo Leite
(Orientadora – UNEAL)

Documento assinado digitalmente
REINALDO SOUSA
Data: 21/05/2025 22:58:03-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Reinaldo Sousa
Examinador UNEAL

Documento assinado digitalmente
ROBERTO SILVA DE SOUZA
Data: 20/05/2025 18:22:47-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Roberto Silva de Souza
Examinador (UNEAL)

A CULTURA KARAPOTÓ: ENTRE A EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Rodrigo Dos Santos Marques Alves[1]
Angela Maria Araújo Leite[2]

Resumo

Esta pesquisa versa sobre a importância da educação escolar indígena diferenciada e intercultural, com destaque para os desafios enfrentado pelos jovens, como o preconceito e a falta de uma escola que respeite suas tradições e saberes. O objetivo foi analisar a educação indígena da aldeia Karapotó Terra Nova, com vistas a compreender a identidade e a preservação da cultura e das tradições como forma de resistência, bem como, a influência da educação escolar sobre a cultura do nosso povo. A metodologia utilizada se deu através da escuta sensível, com relatos de anciãs da comunidade, de observações sobre o contexto escolar e as dificuldades enfrentadas pelos estudantes indígenas que frequentam escolas não indígenas. Concluímos que a implementação da atual Escola Estadual Cacique Antônio Izidório será a oportunidade para a instalação de uma escola diferenciada e fortalecedora da identidade indígena Karapotó terra Nova. Há muito a ser superado, portanto, é fundamental continuar lutando por políticas públicas que atendem aos interesses da comunidade, garantindo o fortalecimento de suas raízes.

Palavras-chave: Identidade cultural. Educação indígena. Educação escolar indígena. Resistência. Karapotó Terra Nova.

Abstract

This research addresses the importance of differentiated and intercultural indigenous school education, highlighting the challenges faced by young people, such as prejudice and the lack of a school that respects their traditions and knowledge. The objective was to analyze the indigenous education of the Karapotó Terra Nova village, aiming to understand identity and the preservation of culture and traditions as a form of resistance, as well as the influence of school education on the culture of our people. The methodology used involved sensitive listening, with accounts from elders of the community, observations about the school context, and the difficulties faced by indigenous students attending non-indigenous schools. We conclude that the implementation of the current Cacique Antônio Izidório State School will be an opportunity to establish a differentiated school that strengthens the indigenous identity of Karapotó Terra Nova. There is much to overcome, so it is essential to continue fighting for public policies that meet the interests of the community, ensuring the strengthening of their roots.

[1] Indígena Karapotó Terra Nova. Graduando em Geografia pelo Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLIND) na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Polo São Francisco, em São Sebastião. E-mail: rodrigo.alves@alunos.uneal.edu.br

[2] Orientadora. Doutora em Educação pela UFRGS. Professora Titular do curso de Geografia da UNEAL, Campus I e CLIND.E-mail: angela.leite@uneal.edu.br

Keywords: Cultural identity. Indigenous education. Indigenous school education. Resistance. Karapotó Terra Nova.

Considerações iniciais

O objetivo do presente trabalho é analisar a educação indígena da aldeia Karapotó Terra Nova, com vistas a compreender a identidade e a preservação da cultura e das tradições como forma de resistência, bem como, a influência da educação escolar sobre a cultura do nosso povo.

A educação é fundamental para a formação e fortalecimento da sociedade, podendo ser caracterizada como formal (educação escolar) e informal (educação que ocorre durante o processo de socialização). Isso também se aplica à educação indígena, a que é passada de uma geração à outra.

O presente trabalho se justifica, dada sua importância para pensarmos a educação na comunidade Karapotó Terra Nova, indígena e não indígena, uma vez que a comunidade sofre um intenso processo de aculturação, especialmente com o longo tempo que crianças e jovens vivenciam em escolas não indígenas. Dessa forma, acabam adquirindo costumes não indígenas.

Assim, a educação indígena é necessária para valorizar e resgatar a cultura, as identidades étnicas, costumes e tradições. Bem como, a necessidade de construirmos uma Escola Indígena, que cumpra seu papel de escola específica e diferenciada.

Para que nossos objetivos sejam alcançados, faremos uma abordagem qualitativa em nossa pesquisa, para tanto, buscaremos a escuta de nossas lideranças e anciãos, através de entrevistas livres (sem nenhum roteiro pré-estabelecido), ansiando compreender o papel da educação indígena, para manutenção de nossa identidade cultural.

Para entendermos que a “educação escolar indígena é uma definição de espaço de política de luta, uma ferramenta para garantir os processos próprios de construção de conhecimentos”, como afirma Ferreira (2018, p. 3), buscaremos, através de entrevistas semiestruturadas (com roteiro prévio e conversa espontânea), verificar as relações que estão postas nas escolas não indígenas, ao tratar sobre a história, cultura e tradições dos povos originários.

Bruno Ferreira, doutor em Educação e professor indígena afirma que a educação "não se desvincula da vida cotidiana de toda a comunidade e que o território é um espaço educativo" (2018, p.15). Partindo deste princípio, buscamos conhecer a realidade da Educação Karapotó Terra Nova, para que possamos marcar, através da educação, a nossa identidade.

Por outro lado, continuando o que nos aponta Ferreira (2018), a educação escolar para os indígenas, "precisa estar referenciada nos conhecimentos indígenas, sobretudo, na história das vivências indígenas e, com o passar do tempo, ir buscando os demais conhecimentos e tecnologias necessários para sua sobrevivência nos contextos atuais" (p. 3).

De acordo com Oliveira (2021, p. 45) "houve um avanço na trajetória dos indígenas ao conquistarem o reconhecimento legal de suas formas próprias de organização social e política, e o direito de praticar suas tradições, vivenciar sua cultura, além de poder usar as línguas maternas e desenvolver os próprios processos de aprendizagem, pelo menos assim está expresso na legislação".

Assim, nosso referencial teórico conceitual, estará amparado em discussões relativas à educação indígena e educação escolar indígena, além de outras abordagens que forem sendo construídas, ao longo desta pesquisa.

A geografia do Povo Karapotó

De acordo com o censo do IBGE (2022), Alagoas conta com 25.725 indígenas, representando 0,82% da população alagoana.

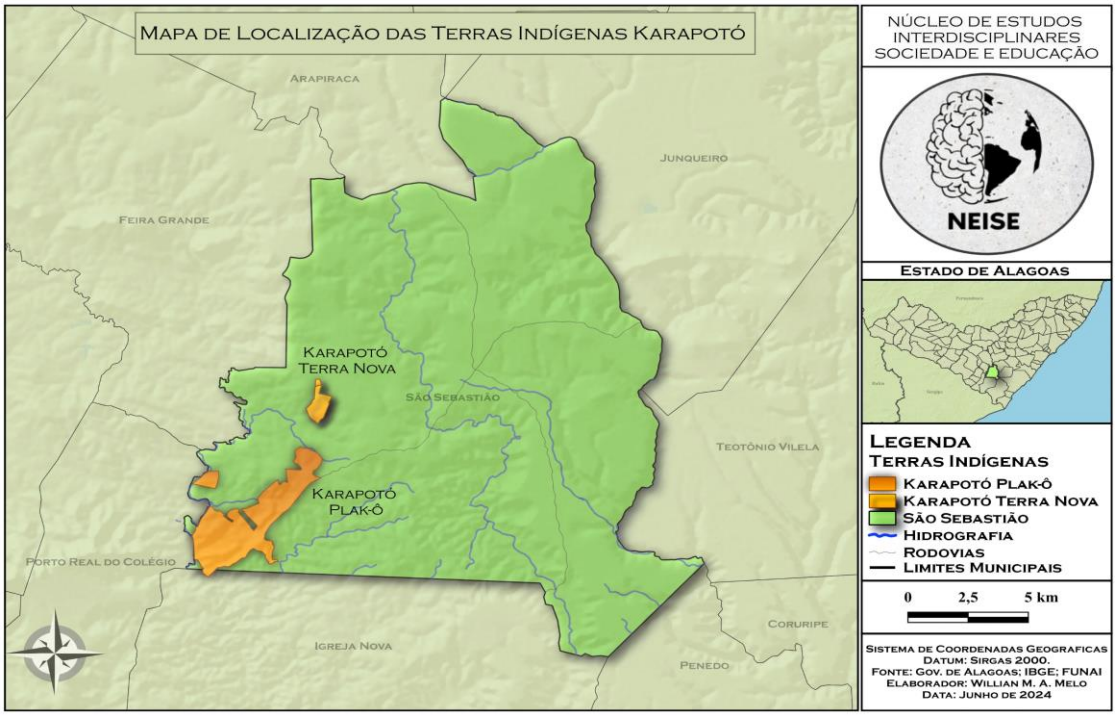
O povo Karapotó é um grupo indígena, localizado ao sul do estado de Alagoas, na zona rural do município de São Sebastião. A aldeia fica a aproximadamente 10 km da sede do município. Oficialmente as informações sobre o povo Karapotó são escassas, todavia existem algumas citações históricas sobre inúmeras denominações étnicas, ou seja, notado pelos antropólogos que o povo Karapotó já recebeu diversas denominações, como Carapotó, Coropotó, Carapotios, Corapotios e os Cropotís, como afirma Ferreira (2022, p.62, apud Mata, 1989; Almeida, 1998,2000).

> A população indígena Karapotó é um grupo étnico proveniente da etnia Kariri-Xocó, resultante de uma história de migrações e reconquistas de terras. Essa etnia é originada da fusão de vários grupos tribais após séculos de aldeamento e catequese. É possível dizer também que é um grupo que mantém sua indianidade preservada através do Ouricuri, ritual e espaço mais importante da vida religiosa do povo Karapotó, vinculado ao conhecimento e ao resguardo da identidade, lugar

> onde o encontro é ancestral, onde está a raiz, sustentada pelo segredo, por aquilo que capacita o Karapotó ser e manter-se Karapotó (Mata,1989; Almeida, 1998, 2000).

Na comunidade indígena Karapotó Terra Nova existem aproximadamente 435 homens e 437 mulheres que totaliza cerca de 872 habitantes. Analisar a geografia Karapotó é necessário para entender e preservar a cultura desse povo, não só, mas também, compreender sua história.

Figura 1- Mapa de localização das Terras Indígenas Karapotó Terra Nova e Karapotó Plak-Ô



Fonte: Governo de Alagoas, IBGE, FUNAI e NEISE
Elaboração: William Macksuel Almeida Melo

A história contada pelos anciãos

A escuta sensível dos mais velhos é uma tradição originária que proporciona a preservação e transmissão de saberes, memórias e identidades. Ailton Krenak (2019), em seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, trata sobre a tradição oral dos povos indígenas, afirmando que a oralidade é uma tecnologia ancestral que carrega em si a força da vida e da conexão com o território. Essa ação tem a capacidade de resgatar vozes e experiências que foram silenciadas pela história oficial. Portanto, a história oral é um instrumento metodológico que proporciona a valorização de culturas ancestrais e a compreensão de complexas trajetórias da colonização brasileira.

Nesse sentido, passamos a dar ouvidos aos que fazem a história e cultura Karapotó Terra Nova. A seguir, fala do artesão José Antônio, entrevistado em 22 de novembro de 2024.

> O povo Karapotó iniciou-se desde o tempo de minha finada avó, Maria Edilina da Conceição. Segundo ela, os Karapotó foram expulsos e acabaram se espalhando por vários lugares do Sertão alagoano, como Palmeiras dos Índios, Águas Belas (Pernambuco) e Porto Real do Colégio. Pela região de Colégio, ficou uma grande parte dos Karapotó. Depois que Dona Delina faleceu, ficaram seus netos e filhos na luta. Porém, ficaram um tempo sem agir. Com o decorrer do tempo, foi feito um levantamento fundiário e foi comprovado a reinvindicação dos Karapotó, chegando a conclusão que as terras do Júri original eram onde residiam os Plaki-Ô. Com o tempo, foi feita a devolução dessas terras. O governo entregou para os Karapotó. A história é longa, mas, depois que já estavam residindo, houve uma divisão. Uma parte veio para o atual distrito de Terra Nova, onde já havia uma base de indígenas. Foi desse modo que se tornaram duas áreas indígenas. Alguns indígenas foram de Plaki-Ô para Terra Nova. Desse modo, ficou o falecido cacique Antônio Izidório comandando a aldeia de Terra Nova, e o Juarez comandando a Karapotó Plaki-Ô.

Em entrevista no dia 27 de novembro de 2024, o ancião José Antônio também nos falou sobre a jornada dos Karapotó. Em suas palavras:

> Destaca que alguns povos foram fundamentais nas retomadas das terras. Vieram indígenas de Colégio que faziam parte do mesmo povo, vieram também outras lideranças que deram grande apoio à causa. É salientada como de suma importância lideranças de Terra Nova, como Antônio Izidório e sua família, família Batista, família do "Zé Pé de Ferro", família do João Jacinto, Zé Bilemino. Todas essas famílias foram fundamentais nas retomadas de terras de Karapotó Terra Nova.
> No que se refere à demarcação do atual Ouricuri, o artesão destaca que houve muitas dificuldades na retomada das terras, uma vez que não existiam estruturas adequadas para a sobrevivência das pessoas, que sequer tinham local para dormir. Ele comenta que alguns ficavam em barracos de lona, outros em cocheiros, alguns ficavam nas casas da fazenda quando alguém abrigava. É citado que, com o passar do tempo, foram enviadas estruturas para fazer umas casinhas simples.
> Aconteceram inúmeros problemas com fazendeiros, receberam ameaças e só viam as terras de longe, tendo em vista que não podiam entrar na área senão seriam mortos. Porém, na melhor oportunidade, o povo Karapotó conseguiu entrar na área, e foi a partir daí que começou a ter acompanhamento dos órgãos responsáveis.

No dia 3 de dezembro de 2024, ouvimos o ancião Ercílio Batista, sobre a formação do grupo Karapotó Terra Nova. Em suas palavras:

> O senhor Ercílio Batista relata que os Karapotó conviviam em harmonia com os parentes. Porém, por várias circunstâncias, surgiu a necessidade de separação. Assim, o falecido cacique e antigo pajé de Plaki-Ô, Antônio José Filho, mais conhecido como Antônio Izidório, chegou à conclusão de que o melhor seria retornar para o povoado Terra Nova.
>
> Antônio Izidório trouxe uma parte do pessoal que já era da família, e outra parte veio por achar que estava mais seguro com ele.
>
> O ancião Ercílio enfatiza que, naquele tempo, para fazer a retomada, foi feita uma reunião com o CIME e a FUNAI. Em seguida, os indígenas ficaram vizinhos à terra por aproximadamente três anos e meio. Foi então feita uma reunião com homens de 18 anos para cima. Logo depois, passaram 17 dias à beira da BR-101; porém, o juiz mandou dispensá-los. Todavia, com o tempo, retornaram para a BR novamente.
>
> Entretanto, havia um local próximo a Terra Nova, chamado Salobro. Sendo assim, a FUNAI o comprou. Ele continua falando que era um antigo sonho de Antônio Isidório levantar um Ouricuri, e, com a posse dessa terra, foi possível. Ele diz: Graças à Deus tá mais assegurado, o mato que tem é suficiente para nós conservar e ficar esperando sempre pelo governo para que arrume mais terras para nós e graças à Deus estamos mais assegurados, embora quando a gente acha que tá mais assegurado, sempre aparece novas batalhas. Estamos vivendo e lutando, para acabar de completar graças à Deus estamos recebendo uma escola que a gente não tinha do lado do governador e tudo isso tá sendo vitória para os Karapotó Terra Nova.”

Toda a luta está atrelada aos saberes que permanecem, apesar de todas as tentativas de apagamento. Os saberes sagrados são transmitidos de geração em geração desde os ancestrais. Estão conectados às práticas religiosas, valores, conhecimentos e formas particulares de se relacionar com seu povo. Os saberes são conhecimentos que foram adquiridos por meio da linhagem passada. O povo Karapotó enxerga o mundo conectado aos elementos sagrados, aos espíritos e ao universo. Porém, com o processo colonial, foi necessário que os indígenas encontrassem formas de preservar sua cultura, não só a sua espiritualidade, mas também seus saberes tradicionais.

Desde os tempos coloniais, os povos indígenas são perseguidos. E, apesar de séculos depois, ainda existem diversas maneiras como os primeiros habitantes do Brasil seguem sendo perseguidos, com formas muitas vezes reservadas, como a violação dos direitos humanos. Não têm direito à terra, e suas vozes não recebem a importância cabível. Portanto, o povo Karapotó, assim como todos os povos indígenas, mantém coisas ocultas para o não indígena, tendo em vista que é uma forma de proteção. Os rituais são o melhor

exemplo, uma vez que são práticas fundamentais, haja vista que são uma manifestação da espiritualidade indígena, onde se busca a proteção, orientação e bênção para toda a etnia.

Educação: indígena, escolar e escolar indígena

Os pesquisadores dividem a educação indígena em dos momentos no decorrer da história. Tudo começou no período colonial, com os primeiros contatos dos portugueses, logo após sua chegada na Grã-Pindorama assim teria sido o primeiro nome que os povos indígenas deram ao atual Brasil nome esse originado do Tupi Guarani. Seus primeiros passos imediatamente foram conquistar as terras onde tiveram posse e iniciou-se o processo de domesticação que pendura até os dias atuais. Os atos iniciais de escolarização aconteceram com os jesuítas, todavia os padres achavam que seria mais eficaz civilizar como se os primeiros habitantes dessa terra fossem animais para aí sim educar. Nas palavras de Meliá (1999):

> Pode-se dizer que essa educação indígena leva em conta a alteridade? Existe uma caricatura do homem e da mulher indígenas que vem dos tempos coloniais e que diz "visto um índio, vistos todos". Vocês, melhor do que eu, sabem que essa generalização é inteiramente gratuita e falsa. Para um observador não-indígena, para um bom antropólogo, por exemplo, a imagem do índio que fica é bem a contrária: que o indígena faz o que bem quer, com liberdade às vezes quase raiando em anarquia, pois cada índio é ele mesmo. A alteridade, afinal, é a liberdade de ser ele próprio. A pedagogia, parafraseando o músico Yehudi Menuhi, quando recebia o prêmio Príncipe de Astúrias, é educar para a liberdade e ela se dá "quando concedemos aos outros a liberdade de serem eles mesmos, de dar e ajudar".2 (Meliá, 1999, p 25).

Houve enormes intervenções na cultura indígena com a colonização europeia. Esses efeitos são sentidos até os dias atuais, haja vista que os europeus infundiram suas crenças e culturas em nosso povo. Dessa forma, a herança dos jesuítas ainda está enraizada. Portanto, a educação indígena faz uma tentativa de desmistificar as relações coloniais que foram sendo estabelecidas.

Dessa forma, é essencial que a educação indígena permaneça como um meio de resgatar os costumes e saberes, já que esse processo tem início desde o nascimento das crianças. Essas crianças aprendem com seus pais, em harmonia com os anciões da própria aldeia.

A educação escolar indígena é protegida pela lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB) pelo decreto 6.861 (2009), que estabelece diretrizes específicas para uma educação escolar diferenciada e intercultural para os povos indígenas. Sendo assim, os

primeiros habitantes deste país têm o direito, em lei, de ter uma escola que tem por direito e dever levar em consideração seus aspectos culturais, linguísticos e territoriais, visando a valorização da diversidade e sabedoria dos indígenas. Desse modo, é necessário garantir uma educação qualificada, aliada a formação de professores indígenas em consonância com os líderes da comunidade, tendo em vista que ninguém pode falar melhor da sua cultura que seu próprio povo, porém o que vemos é totalmente diferente. Como ressalta Lucia Buratto (2007, p.12):

> Apesar do direito à educação específica e diferenciada, bem como o direito ao uso das línguas maternas serem regulamentados e garantidos aos povos indígenas, na Constituição Federal de 1988, na LDB de 1996, o RCNEI, no Parecer n° 14, na Resolução n° 3, é comum encontrar, nas escolas indígenas, conteúdo das disciplinas ministradas da mesma forma que é ensinado aos não-índios, muitas vezes, seguindo o mesmo currículo e livros didáticos das escolas do entorno. Os professores e dirigentes, em sua grande maioria, não são índios, não falam e não entendem a língua materna, são colocados e retirados, conforme critérios políticos locais.

A Constituição de 1988 não garante privilégios aos povos indígenas e sim assegura o direito coletivo aos povos nativos, porém nota-se que em muitos casos não ocorre o funcionamento dos direitos.

Figura 2: Jovens Karapotó Terra Nova, em frente a SEDUC (Maceió) em luta para a construção da escola, saindo com a garantia da assinatura da ordem de serviço 17/7/2023

Fonte: Instagram do Povo Karapotó Terra Nova

O povo Karapotó Terra Nova passou mais de 20 anos lutando para que um dos seus tantos direitos fossem cumpridos, no decreto 6.861/09 - Art. 1° “a educação escolar indígena será organizada com a participação dos povos indígenas, observada a sua territorialidade e respeitando suas necessidades e especificidades”.

O que é educação indígena Karapotó

A educação indígena do povo Karapotó Terra Nova não começa na escola, esse processo começa pelos mais velhos, por meio dos quais eles transmitem não só suas histórias de resiliência e superação, mas também seus conhecimentos, pois essas lições são necessárias na comunidade, pois são essenciais para o crescimento indígena.

Os mais velhos são considerados na comunidade um exemplo a seguir, têm um papel importante de orientar os jovens indígenas na questão educacional, aprendem a enfrentar seus problemas espirituais, não só fortalecem sua identidade indígena, mas também agregam ao seu pertencimento, haja vista que é fundamental o indígena ter essa autoafirmação sobre sua identidade. Nesse sentido, Maria Aparecida Bergamaschi (2012, pág. 36) corrobora com nosso pensamento ao afirmar que

> A Educação indígena é a educação voltada para os povos indígenas, respeitando suas especificidades culturais e procurando preservar suas culturas tradicionais. É o direito do povo indígena ter uma educação de qualidade nos moldes de sua realidade, de sua cultura e de sua história. Logo, a educação indígena se caracteriza pelos processos tradicionais de aprendizagem de saberes e costumes característicos de cada etnia, onde esse processo deve proporcionar a relação entre o povo indígena e os demais povos, permitindo sua integração à sociedade moderna.

A educação escolar para o povo Karapotó Terra Nova

A Constituição de 1988 não garante privilégios aos povos indígenas. O povo Karapotó passou mais de 20 anos lutando para que um dos seus tantos direitos fossem cumpridos. No Decreto 6.861/09, Artigo 1°, “a educação escolar indígena será organizada com a participação dos povos indígenas, observada a sua territorialidade e respeitando suas necessidades e especificidades”.

Os alunos de Karapotó Terra Nova estudavam na escola do município, uma vez que não possuíam escola indígena. Sendo assim, os alunos dividiam o mesmo ambiente escolar com os não indígenas da comunidade. É uma escola de pequeno porte, com apenas 5 salas, e é oferecido somente até o fundamental I. Desse modo, as crianças precisam sair da sua

comunidade para um povoado vizinho chamado Cana Brava. No que se refere à comunidade escolar de Cana Brava, é ofertado até o ensino fundamental II. Dessa forma, os alunos necessitavam ir até a cidade de São Sebastião, no ônibus do estado, para terem direito ao acesso ao ensino médio.

O povo Karapotó sofreu muito no quesito educação escolar, tendo em vista que, por mais de 20 ou 25 anos, travou uma luta para lidar com a educação diferenciada. Pois a falta dessa educação, em muitos momentos, gera desconforto e preconceito, já que não se pode ter o espaço para continuar e cultivar a cultura indígena e o tronco linguístico. Sofreram também em datas comemorativas e festas religiosas, haja vista que não conseguem conciliar o calendário da escola municipal onde os alunos indígenas estudam. É notório que, em alguns momentos, acaba perdendo seu espaço para divulgar seu trabalho, como ensinamentos das tradições e culturas, como o toré, assim como também o fortalecimento da fabricação de artesanatos para os jovens e crianças da comunidade.

Até tempos recentes, os Karapotó sentiram muito a ausência da escola, onde a juventude foi sendo afetada por um espaço que esse povo ainda não havia conquistado. Espaço esse que os anciãos lutaram há muito tempo para ter: uma escola que seja de acordo com as diretrizes escolares indígenas, onde a comunidade tenha espaço para seus professores, que saberão lidar com seus costumes, com seus rituais e, acima de tudo, com seus ensinamentos de acordo com sua cultura.

No contexto escolar, o estudante indígena se depara com o conflito de identidade, uma vez que os jovens da comunidade ficam em uma posição difícil. Haja vista que ficam num fogo cruzado entre introduzir os valores e práticas de outras culturas inseridas no âmbito escolar não indígena. A ida do estudante indígena à escola do branco acaba, de certa forma, pressionando-os a seguirem estereótipos criados no ambiente escolar, muitas vezes com aquele olhar do colonizador. Tendo em vista que uma pequena parcela tem uma visão sobre os povos originários, como se não pudessem ter os mesmos direitos, como se o indígena tivesse que estar parado no tempo.

Figura 3: Apresentação cultural dos jovens indígenas na Escola Estadual Professor José Félix de Carvalho Alves

Fonte: Instagram da Escola Estadual Professor José Félix de Carvalho Alves

Em questão de ser trabalhada na sala de aula, assuntos como plantas medicinais e costumes religiosos, sendo uma forma de incentivar os jovens indígenas a seguir sua cultura e mostrar verdadeiramente o que é ser indígena. Para Grupioni (2000, p. 278):

> É fundamental reconhecer nesse novo panorama que se constrói que nem só de consensos e avanços vive a educação escolar indígena no País. Muitos são os impasses, as dificuldades, a falta de vontade política e administrativa que entravam e retardam a consolidação de um cenário onde a escola esteja a serviço dos interesses e dos projetos de futuro dos povos indígenas, permitindo que estes tenham acesso a informações essenciais para um convívio mais harmônico e menos destrutivo com os demais segmentos da sociedade brasileira

José Talvane, um dos conselheiros, enfatiza a importância da escola, onde ele diz: "Sem querer gerar desconforto ou até mesmo uma discriminação, mas, em algumas escolas que nossos jovens frequentam, de certa maneira, eles contam nossa história de forma equivocada, que são criadas simplesmente em livros didáticos. Por outro lado, com nossa escola, iremos pontuar, cultivar e ensinar a nossa forma de viver verdadeiramente, com nosso povo".

O povo Karapotó acabou de ser contemplado com sua tão sonhada escola indígena, que vai dar diretrizes sobre suas crenças, seus costumes e, acima de tudo, sua cultura. Uma escola que vem sendo sonhada desde a infância de alguns jovens e até mesmo de alguns

anciões que se encontram na comunidade e que hoje estão tendo o prazer de ver uma escola exclusiva para os indígenas. Isso, sem dúvidas, será de grande importância, tendo em vista que não só mostrará a resistência do povo Karapotó Terra Nova, mas também preparará os jovens para o mercado de trabalho sem que eles percam a essência, a sua origem e a sua cultura.

O conselheiro José Talvane ressalta a importância da escola, dizendo: "Hoje, muitos não poderão usufruir da escola diretamente, mas, com certeza, estarão tendo o prazer de que a nossa essência será revivida em alguns momentos na sala de aula, seja por professores e até mesmo por alunos que venham a estar presentes nas salas de aula. Escola essa que não foge da linha de raciocínio da educação, mas uma educação como sempre buscamos: nos diferenciar para o mercado de trabalho, pois a escola indígena nada mais é que uma formação de professores, cidadãos e de homens dignos com um futuro profissional".

Figura 4: Assinatura da ordem de serviço para construção da escola

Fonte: Instagram da Escola Estadual Indígena Cacique Antônio Izidório

Portanto, é isso que o povo Karapotó espera. Com sua escola, poderão ensinar quem são eles, que seu povo tem uma história, muitas vezes contada pelo não indígena em alguns livros de história, em algumas escolas e universidades, do seu modo, da sua versão. Porém,

com sua escola, poderão reviver quem são, haja vista que ninguém melhor que o próprio indígena para falar da sua cultura, da sua crença, da sua religião.

A Escola Estadual Indígena Cacique Antônio Izidório, nome dado pelo conselho, em consonância com à comunidade, uma homenagem ao Cacique Antônio Izidório. A escola foi inaugurada em 02 de janeiro de 2025.

Figura 5: Escola Estadual Indígena Cacique Antônio Izidório

Fonte: Instagram da Escola Estadual Indígena Cacique Antônio Izidório

Os primeiros anos de escola: saída da aldeia para a escola não indígena

Quando os alunos iniciam seus estudos, não fica tão evidenciado assim o preconceito no meio escolar. Apesar de não ser uma escola indígena, é dentro da comunidade, com a totalidade de alunos e professores indígenas. Mas, a partir do momento em que os alunos Karapotó têm a necessidade de se deslocar para um povoado vizinho, é nesse momento que aparecem o respeito e a discriminação, onde se veem olhares diferentes. Entretanto, por serem ainda muito jovens, o preconceito passa despercebido.

A partir do ensino médio, quando é necessário o estudante indígena se deslocar para a cidade, é nesse momento que ocorrem maiores problemas. Uma vez que acontecem alguns desentendimentos com estudantes que residem na cidade, os alunos indígenas são questionados: por que alguns não têm cabelo liso? Por que usam celulares? Por que não andam de terno? E, olhando para o cenário atual, fica evidente que pouco se avançou. Os

preconceitos ficam explícitos na fala de alguns alunos e em comparações com gerações diferentes, onde os alunos indígenas se deparam com problemas antigos.

Nota-se que, ao entrar no ensino médio, o preconceito mascarado torna-se mais recorrente. Consiste em brincadeiras desagradáveis, em tom de deboche. Esses comentários podem até parecer inofensivos, entretanto, acabam estabelecendo estereótipos com os povos nativos. A sociedade deixa expressa sua discriminação em assuntos sobre os quais não só não têm conhecimento, mas também não estão abertos a entender. Identificar e combater essas formas de discriminação é ainda mais difícil, uma vez que não é manifestado de forma clara.

A professora Erika Cristine Silva, da Escola Estadual José Félix de Carvalho Alves, onde os alunos indígenas estudam, foi questionada sobre essas questões e foi enfática ao frisar: "Já ouvi falas preconceituosas com tom de ironias e que, em épocas de festas indígenas, os alunos não indígenas falavam que queriam ser índios para assim não irem para a escola."

Não obstante, a até então aluna Cleópatra relata casos que aconteceram com ela, em que diz: "Sofri discriminação por não ter os traços indígenas, tanto na escola como fora dela. Quando eu falava que era indígena, as pessoas olhavam com olho torto e falavam que nunca viram índio com a pele clara. Eu tenho que ficar me explicando sobre o porquê de ser assim. Aí falo que a gente não mora em uma aldeia e que minha mãe acabou se casando com um branco, e que esses traços tenho dele, por ele ter uma pele clara. Enfim, sempre tenho que ficar me justificando."

Considerações finais

É necessário implementar uma educação diferenciada, na qual a comunidade Karapotó possa decidir sua grade curricular. Sendo assim, é notório que não só a educação indígena, mas também a educação escolar indígena são formas importantes de proteger a cultura e manter acesa a chama Karapotó Terra Nova. Entretanto, a etnia vem sofrendo com um processo de aculturação. Portanto, a educação indígena, em consonância com a educação escolar indígena, é imprescindível para resgatar e valorizar os costumes e tradições do povo Karapotó.

Podemos afirmar que o objetivo proposto foi atingido, evidenciando a importância de uma educação específica, diferenciada e intercultural para o povo Karapotó Terra Nova. Ao apresentar os desafios que os jovens da comunidade enfrentam cotidianamente, como enfrentamento ao preconceito, reforçamos a ideia de que a Escola Estadual Indígena Cacique Antônio Izidório, deve destacar a valorização e preservação da cultura originária, pois, sem dúvida, a educação escolar pode e deve ser uma ferramenta poderosa no fortalecimento da identidade indígena, garantindo aos jovens, o orgulho de suas raízes, sem abrir mão de suas tradições.

Referências

BERGAMASCHI**,** Maria Aparecida**, "Povos indígenas e educação",** editora mediação, 2 edição, Porto Alegre 2012.

BURATTO, Lucia Gouvêa. "**A educação escolar indígena na legislação e os indígenas com necessidades educacionais especiais**." Universidade Estadual de Londrina (2007).

FERREIRA, Bruno. **Descolonizando a escola: em busca de novas práticas**. Avá [online]. 2018, n.33, pp.165-184. ISSN 1851-1694

FERREIRA, *José Robson* Gonçalves. **A formação urbana de São Sebastião/AL: da presença indígena aos caminhos das tropas.** 2022. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC – Curso de Geografia, Campus I, Universidade Estadual de Alagoas, Arapiraca, 2022.

GRUPIONI**,** Luís Donisete**. "Educação e povos indígenas: construindo uma política nacional de educação escolar indígena."** Revista brasileira de estudos pedagógicos 81.198 (2000).

MELIÁ, Bartomeu. **Educação Indígena e Alfabetização**.Edições Loyola. São Paulo, 1979. Coleção Missão Aberta – II.

MELIÀ, Bartomeu. **Educação Indígena na escola.** Universidade Católica de Assunção. Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, Assunção, Paraguay. V. 19, n. 49 p 1999.

MELO, Maria de Cassia de Oliveira. **Situação de (in)segurança alimentar e nutricional em índios Karapotó da aldeia plaki-ô em São Sebastião, estado de Alagoas.** 1 edição. Maceió AL. Universidade Federal de Alagoas- Ufal Programa de Pós-graduação em Nutrição, 2009.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990**). São Paulo: Paulinas, 2012.

OLIVEIRA, Allyne. **Povo Koiupanká e a Educação Indígena: 15 anos de resistência no sertão alagoano.** 1 edição. Maceió AL.Universidade Federal De Alagoas- Ufal Centro-CEDU Programa de Pós-Graduação PPGE Mestrado em Educação, v. 048, n. 128, p 117-128, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.